

Homossexualidades à deriva nos alojamentos da Universidade Federal de Viçosa-MG: algumas reflexões iniciais

Jairo Barduni Filho¹⁹

Resumo: O presente artigo aborda meu interesse de pesquisa pelos jogos de poderes entre estudantes nos alojamentos da Universidade Federal de Viçosa/MG. A pesquisa, que, no caso, é um recorte adaptado do meu próprio projeto de doutorado, origina-se da minha experiência como ex-morador do alojamento Novíssimo da UFV. O objetivo aqui é apresentar brevemente o histórico de dois alojamentos específicos: Novo (feminino) e Novíssimo (masculino) e traçar um paralelo com as referências foucaultianas no tocante à vigilância, disciplinamento e controle, portanto, a metodologia aqui é a de cunho referencial bibliográfico, pois, trata-se de um projeto que ainda não iniciou a fase de coleta de dados de pesquisa como entrevistas e observações. Tais conceitos foucaultianos estão presentes no espaço microsociedade dos alojamentos como elementos de expiação e controle entre estudantes, concretizando tramas e caças às subjetividades incomodantes, se é que podemos assim dizer, das subjetividades homossexuais.

Palavras - chave: Alojamento estudantis, vigilâncias, controles

Abstract: This article discusses my research interest in games of power between students in accommodations in the Federal University of Viçosa / MG. The research, which in this case is an excerpt adapted from my own PhD project, stems from my experience as a former resident in the accommodation "Novíssimo" of the UFV. The goal here is to briefly present the history of two specific places: "Novo" (female) and "Novíssimo" (male) and draw a parallel to the references regarding Foucauldian surveillance, discipline and control, so the methodology here is to cite bibliographic references therefore it is a project that has not yet started the process of gathering research data such as interviews and observations. Such Foucauldian concepts are present in the accommodation space microsociedade as elements of atonement and control among students, implementing plots and fighters subjectivities incomodantes if we may say so, of gay subjectivities.

Keywords: Student Accommodation, surveillance, controls

¹⁹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).



Introdução

“Desses acontecimentos, que ninguém percebe, é que se nutre a linha axial interna de nosso destino. A falha, a rachadura se fecham mais tarde; podem cicatrizar e cair no esquecimento; mas em nossa câmara secreta mais recôndida nunca cessam de sangrar” (HESSE 2005, p.32)

Há fatos que acontecem e que carregamos conosco, que nos marcam significativamente, e que, por vezes, deixam cicatrizes bem escondidas, mas existentes. Por isso, na epígrafe, trago um trecho da obra *Demian*, do contista alemão Hermann Hesse. Este livro me afeta na medida em que a figura de Sinclair, como projeção da vida do autor, vê o rumo de sua vida modificado a partir de um encontro com Demian, na infância. No meu caso, posso dizer que minha vida acadêmica ganhou novos rumos a partir do encontro com o alojamento Novíssimo. Tanto, que este artigo é fruto de um recorte feito do meu projeto de doutorado (2013), intitulado: *Novo, Novíssimo: a invenção das homossexualidades nas moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa/MG*. Este surgiu da minha inquietação enquanto um ex-morador do Alojamento Novíssimo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Nele, trago um querer particular de pesquisar o local onde morei e que me marcou significativamente durante minha graduação em Pedagogia. Ali, fiz vários amigos *gays*, bissexuais e heterossexuais, além de ter vivenciado na pele a homofobia que permeou as relações nestes espaços de convívio. Talvez eu tenha feito história, devido minha resistência, em 2007, quando tendo sofrido um explícito caso de homofobia no alojamento em que morava, levei o meu caso até instâncias superiores da universidade. Ao invés de me submeter à discriminação (expulsão) perpetrada por meus colegas de quarto e sair do alojamento, eu resolvi “botar a boca no trombone” e denunciar uma prática “antiga” e cotidiana dentro do *campus* da UFV, porém muito pouco problematizada tanto pelos estudantes, quanto pela Administração Superior da instituição.

Este local, como já mencionado, se tornou minha escolha de pesquisa para o doutorado, que começou neste ano de 2013. Em meu projeto, eu incluo, além do alojamento Novíssimo, o alojamento Novo, no caso, um alojamento feminino. O objetivo deste artigo é discorrer brevemente sobre o histórico destes alojamentos,

bem como tentar fazer um paralelo entre os referenciais foucaultianos e os alojamentos como espaços de vigilância e disciplinamento.

1. Os Alojamentos da Universidade Federal de Viçosa-MG: um breve recorte histórico

O primeiro alojamento universitário da UFV foi inaugurado em 1928, quando a Universidade de Viçosa ainda era denominada de Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV). O edifício foi batizado com o nome de um dos fundadores da ESAV, João Carlos Bello Lisboa. O prédio hoje é comumente conhecido pelos estudantes como o Alojamento Velho.



Foto 1: (Alojamento Bello Lisboa na década de 20) – Fonte: Museu Histórico da UFV.

Naquele período, a Escola recebia estudantes de várias localidades rurais de Minas Gerais e de outros estados, e um dos elementos que funcionava como atrativo à vinda e permanência dos alunos na instituição era precisamente a existência de um sistema de internato. A princípio, era pequeno o número de estudantes no internato e estes viviam num modo rígido de vida. A rigidez ocorria em todos os aspectos: na atenção a horários, condutas disciplinares e formação de maneiras de pensar que não se restringiam apenas às questões agrárias, ou seja, de estudo, mas também àquelas referentes à higiene, moralidade e conduta cívica. O que era almejado pelos dirigentes

esavianos, era que os estudantes alcançassem um espírito de liderança, cooperação, e responsabilidade.

Por tal intento, este objetivo alcançado passou a se chamar de: “*espírito esaviano*”, tal lógica de pensamento da época procurava cuidar do espírito acadêmico quanto o corpo e seu disciplinamento. Lopes (2012) considera, sobre a ESAV, que tão importante quanto preparar os grãos e arar a terra, fazia-se necessário também formar seres humanos imbuídos desses ideais de progresso e patriotismo. Deste modo, o internato rural da ESAV acontecia como local de construção de homens líderes da pátria, tão carente de cabeças técnicas para o comando do campo, quanto para formar exemplos de homens viris e responsáveis.

Obviamente, uma das ações da escola era a de controlar pensamentos e comportamentos. O controle assim focava a “boa moral” que estava ligada a boas maneiras dos alunos como a construção de valores morais e uma vigilância rigorosa a fim de alcançarem o dito “espírito esaviano”. A partir da década de 70 acompanhando o crescimento da Universidade, os alojamentos começaram a se multiplicar, reforçando a característica de uma instituição que oferece apoio estudantil além da qualidade do ensino.



Fotos 2 e 3: Alojamentos recém construídos na década de 70: Novíssimo-masculino e Novo-feminino, em destaque o alojamento Novo. Fonte: Museu Histórico da UFV.

Com o crescimento da UFV, esta se viu na emergência de aumentar o número de alojamentos, inclusive femininos para comportar a quantidade de

estudantes que chegavam todo ano. Toda essa transformação, processo de crescimento e construção dos alojamentos é apontada por Lopes (2012), quando diz que:

Se inicialmente, em 1926, a UFV era denominada de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), tornou-se Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1949 e, a partir de 1969, foi federalizada. Atualmente, em 2012, a UFV (abrangendo três campi: Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba) oferece 61 cursos de graduação, 54 programas de pós-graduação e possui aproximadamente 14.000 estudantes matriculados. Destes últimos, cerca de mil e quinhentos residem em seis alojamentos (três masculinos e três femininos) que se encontram distribuídos pelo campus Viçosa. Nos alojamentos – não mais abordados como internatos de tempo integral, mas sim como moradias estudantis – os discentes constroem as mais diferentes configurações de convívio e práticas sociais que não necessariamente são do conhecimento e do controle das instâncias superiores da UFV, apesar de a instituição possuir uma Divisão de Assistência Estudantil (DAE) que é responsável pelo alojamento. (p.3)

A UFV possui um histórico de acolhida de seus estudantes, e estes movimentam o campus desta instituição como uma verdadeira “casa” que os acolhe por 4, 5, 6 anos. Há uma intensa interação discente na vida cotidiana do campus, o que produz contínuas maneiras de existir e habitar a universidade; modos estes que não necessariamente coabitam sem conflitos. É importante também salientar que o campus é provido de vários serviços voltados para a comunidade ufeviana como: supermercado, bancos, farmácia, restaurante universitário, espaço para lazer e prática de esportes, e este panorama faz com que muitos moradores digam que a UFV seria uma mini-cidade, ou mesmo que existem duas Viçosas, a da cidade e a do campus universitário. Os alojamentos, assim, são as casas dessa grande cidade universitária, promovendo maneiras de convívio pouco conhecidas do público que se movimenta pelo campus em visita e mesmo estudantes que moram nas repúblicas da cidade. Neste sentido, a UFV torna-se literalmente uma casa de criatividade, resistências e invenções discentes, sendo que tais inventividades tendem a produzir suas conseqüências tanto a formação profissional quanto pessoal dos estudantes.

2. Foucault e a sociedade disciplinar

Ao se falar em controles, não se pode deixar de mencionar as resistências, que, de acordo Foucault (1979), trata-se da possibilidade de produção de saber, de prazer, de discursos, etc. Segundo o autor, o poder não estaria restrito ao aspecto negativo, mas, sim, como ele próprio diz, sobre o poder: “deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.” (p. 8).

Na análise entre elementos constitutivos da vida contemporânea, em Foucault, percebe-se que a tecnologia do sexo (produções discursivas criadas no século XIX dentro do campo de saber denominado: *scientia sexualis*), seriam os chamados “dispositivos de controles” como, por exemplo, a histerização do corpo da mulher (histeria termo oriundo de *bister* = útero); a pedagogização do sexo da criança; a psiquiatria do prazer perverso, que, dentre outras, teriam como função colocar do indivíduo em um esquadramento de utilidade e de valor. Deste modo, as normas de desses dispositivos estariam a serviço do esquadramento de condutas. E, as normas de desses dispositivos estariam a serviço do esquadramento de condutas.

Neste sentido, ocorria o desdobramento de um discurso inicialmente vertical, que depois se difundiria como capilaridades por meio dos discursos cotidianos para uma melhor economia. Nesse desvelar das sexualidades possíveis, as mesmas tecnologias reveladoras foram criadas para esta vigilância. No século XVI, essas tecnologias já haviam iniciado sua criação com o *Sistema Bethaniano*, gerando o chamado sistema *Panóptico*, que será retomado mais a frente.

A necessidade de se criar essas tecnologias pode se entendida quando se contextualiza a época: elas poderiam garantir a procriação para abastecer o período fabril e suas sexualidades. Nesse sentido, toda e qualquer informação sobre a sexualidade da mão de obra tornou-se importante para garantir operários aptos para o trabalho árduo, em detrimento de seu prazer sexual, que deveria ficar em segundo plano. Além disso, as tecnologias viabilizavam a eliminação das sexualidades desviantes e as encaminhava para áreas médicas. Afinal, toda energia que não fosse de caráter útil, estaria automaticamente fadada a ser considerada patologia,

classificando-as, era mais fácil de obter um controle sobre estas, e assim, conseqüentemente extrair maior utilidade.

Quando Foucault (1988), diz que: “A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente. (p.55). Ele quer dizer que, as múltiplas sexualidades implantadas nos corpos, se intensificando e se concretizando em sua instalação produziu uma sociedade de regras de poderes e prazeres. Deste modo, segundo o autor, “Prazer e poder não se anulam” (p.56), e na sociedade que se apresenta, sobretudo a partir do século XIX, várias foram às formas de se produzir desejos, e cada vez mais tais produções se antecipam aos sujeitos e criam novas formas de querer, de desejar, ou seja, maneiras que se utilizam de um jogo estratégico refinado e complexo para a manutenção dos controles e vigilâncias. Neste sentido, a sociedade definitivamente não reprimi as sexualidades com o uso de um poder vertical, ao contrário, ela ramifica os discursos e segue alimentando uma explosão dos desejos.

A estrutura dos alojamentos: Novíssimo e Novo faz lembrar a forma arquitetônica do *Panóptico* do século XIX, descrita por Jeremy Bentham (jurista inglês) como (um sistema arquitetônico de vigilância e controle disciplinar). Esta forma arquitetônica também faz parte dos estudos que Foucault (2007) a respeito do modelo do panoptismo, apontado como sendo uma estrutura analítica do poder e da produção disciplinar de corpos dóceis. No panoptismo, como aponta Foucault (2011) “a vigilância sobre os indivíduos se exerce ao nível não do que se faz, mas do que se é; não do que se faz, mas do que se pode fazer” (p.104). Contudo, é importante frisar que corpos dóceis buscados neste sistema não significam corpos submissos, mas sim flexíveis e possíveis de serem controlados por um jogo de poder constituído como uma ação sobre ações. Assim, em seu trabalho, um dos interesses de Foucault foi o de buscar entender como o poder é capaz de produzir saberes, como nos articulamos frente a este poder, e como fazemos uso deste?

No caso do presente artigo, temos que o alojamento Novíssimo (Masculino) é uma verdadeira engrenagem de capilaridades subjetivas, pois se trata de um prédio retangular, com portarias envidraçadas onde porteiros se situam numa bancada central a fim de “vigiar” os estudantes que entram nos edifícios, nos apartamentos, não existem quartos com portas, há apenas um grande cômodo dividido em dois por

um guarda roupa de seis portas, o que facilita a vigilância. E, ao adentrar nos mesmos, o estudante depara-se com corredores largos e extensos que conduzem a quatro blocos de apartamentos.

A estrutura física do alojamento faz também lembrar cortiços em sua disposição interna, pois a arquitetura proporciona uma fácil vigilância para o centro do prédio, onde se localiza a lavanderia com tanques. Grande parte dos estudantes lavam a própria roupa ali, o que torna o pátio central do alojamento Novíssimo um local de bate-papo, fofocas, zoeiras e de socialização dos moradores. No final de semana, o fluxo de encontro é mais intenso, bem como o de clima de festa com músicas de diferentes estilos e em diferentes quartos. São, portanto, diversos modos de habitar os quartos de alojamento que, tantas vezes, fogem à vigilância dos porteiros por mais que a arquitetura propicie o acompanhar do movimento dos discentes. Todavia, outro tipo de vigilância se faz presente no cotidiano dos alojamentos e esta se refere aos modos como os próprios estudantes se policiam, definindo o que é normal e o que é patológico para as lógicas moleculares de convívio que são trançadas na rotina vivencial das moradias. E um dos sistemas de vigilância que acredito se exercer de modo significativo é aquele sobre as sexualidades, em especial dos estudantes gays. E penso que os quartos habitados exclusivamente por estudantes de orientação homossexual – e tidos como sendo “depósitos de gays” – seriam ainda mais propícios à vigilância dos quartos vizinhos.

Diante disso, entendo que a expressão “as paredes tem ouvidos” definitivamente faz sentido nos alojamentos universitários. Ou seja, os alojamentos são espaços de produção da “expição” do cotidiano, e obviamente das sexualidades, desejos, comportamentos, excentricidades, movimentações incomuns e “desvios”..., sendo também habitados por olhares e pensares vigilantes que visam, muitas vezes, neutralizar o efeito desordenador de tudo o que seja considerado como prejuízo a uma “boa convivência”. Tal vigilância tanto parte dos olhos e ouvidos alheios aos estudantes, mas, também do convívio entre os próprios discentes, capturando todos nas tessituras de produções cotidianas que fazem jus ao que Foucault (2007) qualificou de “sociedade disciplinar”.

Seguem abaixo, portanto, imagens dos alojamentos: Novíssimo e Novo a fim de ilustrar a descrição feita dos mesmos:



Fotos 4 e 5: Alojamentos da Universidade Federal de Viçosa-MG: Novíssimo-Masculino e Novo-Feminino. Ano: 2012. Fonte: Museu Histórico da UFV.



Fotos 6 e 7: Interior do Alojamento: Novíssimo-Masculino com destaque para o quarto estigmatizado como “depósito de gays”, que, é um dos quartos onde todos os moradores são gays. Ano: 2009. Fonte: Museu Histórico da UFV.

Assim, apesar de os porteiros serem oficialmente responsáveis pelas funções de vigilância e disciplinamento, esses poderes a eles conferidos pouco interferem nas relações de tensionamentos emergentes nos agenciamentos cotidianos dentro dos quartos e entre quartos vizinhos. O porteiro, para muitos, acaba sendo visto como mera “figura decorativa”, no sentido de que a verdadeira vigilância se encontrava no interior dos alojamentos: aquela exercida no convívio entre os moradores. Na convivência entre os moradores, configuram-se relações de poder que estabelecem, igualmente, relações de verdade. Estas últimas, estabilizam práticas de convívio que tendem a invisibilizar e ou discriminar o que não se encaixa dentro do modelo padrão estabelecido: nesse sentido as sexualidades homossexuais nos alojamentos se tornam alvo privilegiado das mais diferentes práticas discriminatórias e segregacionistas, em minha época, tanto eu quanto outros colegas do alojamento

Novíssimo passamos pela experiência de sermos expulsos do quarto por ser homossexual. E, apesar de não conhecer as dinâmicas que ocorrem no alojamento feminino (Novo), creio que também pode haver práticas segregacionistas neste alojamento.

E, não bastasse a dificuldade de ser aceito quando se é gay, o calouro quando entra em um quarto, encontra um ambiente de provações que de certo modo o força a muita das vezes negar-se enquanto um sujeito homossexual. Aliás, quase seis anos se passaram desde minha expulsão do quarto 421 e ainda ouço²⁰ que há calouros que precisam recorrer a Divisão de Assistência Estudantil para garantir sua vaga no alojamento. O que me leva a questionar que problemáticas se perpetuam e se reinventam naqueles espaços? Que dinâmicas cotidianas tem se gestado naqueles ambientes? Como se apresentam possíveis práticas de resistências e transgressões?

Enfim, os alojamentos são espaços que nos passa uma falsa imagem de pluralidade, pois, de fato, aqueles são espaços que acolhem diferentes sujeitos de diferentes regiões do Brasil, de diferentes crenças religiosas, de diferentes cursos e ideologias, porém, nem todas as singularidades são bem vindas e principalmente a homossexual é tratada como uma ameaça em potencial, sobretudo para a heterossexualidade dominante nestes espaços. Os jogos de poderes que permeiam os quartos se produzem enquanto tramas discursivas excludentes, e, nenhuma subjetividade existente nessas tramas é tão segregada enquanto a homossexual nos alojamentos universitários.

²⁰ Como membro do projeto: *A invenção da vida discente nas moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa/MG*, sob coordenação do professor/pesquisador: Eduardo Simonini Lopes – Departamento de Educação - DPE/UFV, tenho acompanhado algumas entrevistas com moradores dos alojamentos: Novo e Novíssimo. Tal pesquisa serviu de inspiração para a construção do meu projeto de doutorado, sobretudo, após minha inserção no grupo de pesquisa (Cotidianos em Devir), também coordenado pelo professor Eduardo.

Considerações finais

Na verdade a relação da Universidade com seus alojamentos desde a época em que fui morador, sempre me pareceu muito burocrática, sendo que os problemas que emergem no interior desses ambientes só são vistos como importantes no momento em que podem “ferir” a rotina ufeviana de viver, de se apresentar, e foi o que ocorreu quando fui expulso do meu quarto por ser homossexual, ou seja, somente quando a tranquilidade no campus é ameaçada por polêmicas que podem sair do controle da UFV, é que está busca rapidamente resolver, logo, buscando trazer a “normalidade” preservada. Neste sentido, a instituição não se dedica ao que tudo indica, até hoje, pensar ações que possam ajudar a combater segregações existentes no interior dos alojamentos. E, justamente por serem ambientes ricos de análises é que acredito que este artigo, que se trata apenas de um primeiro ensaio reflexivo irá amadurecer com minha inserção no doutorado e, futuramente, com a devolução da tese para a UFV, esta pode quem sabe vir a ser utilizada pela Universidade como embasamento nas ações de assistência estudantil, pois, acredito que a tese trará muitas informações importantes para a desinvisibilização das práticas de viver, maneiras de habitar os alojamentos, pouco percebidas e problematizadas na UFV.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e organização: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber** - Tradução de: Maria Thereza da Costa Alburquerque e J. A. Guilhaon Alburquerque. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988.

FOUCAULT Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel de Ramallete. 40ª Edição - Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3ª Edição - Rio de Janeiro: Nau, 2011.

HESSE, Hermann. **Demian**. Tradução: Ivo Barroso, 36ª Edição - Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

LOPES, Eduardo Simonini. **Praticantes de mundos: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade**. 2012. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2012.

VEIGA-NETO Alfredo. **Foucault & a Educação**. – 2ed. 1 reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Artigo aceito em **20/05/2013**.